

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 215 — Domingo, 21 de Julho de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

AVENÇA

O CHEFE DO ESTADO vai visitar os Açores

DE 21 a 29 deste mês, o sr. General Craveiro Lopes vai visitar, oficialmente, os Açores. Sem terido tempo de repousar da maravilhosa mas exaustiva viagem que fez ao Brasil e cujo eco tardará a desvanecer-se na emoção dos portugueses que, de longe, a acompanharam, o Presidente da República Portuguesa vai empreender outra viagem, desta vez a terras insulares de Portugal. Ali o aguardam com verdadeira ansiedade e ali lhe farão, por certo, apoteótica recepção.

Um dos principais diários açorianos, anunciando, há dias, a próxima visita oficial do Chefe do Estado, publicava estas palavras, que exprimem bem o interesse dos açorianos pelo acontecimento, verdadeiramente histórico para os Açores, que se avizinha: «Como portugueses, como cidadãos desta grande Pátria portuguesa, não podemos deixar de considerar e pesar bem a quanto obriga, da nossa parte, tal acontecimento, que é, verdadeiramente, de vulto nacional, envolvendo, até, e mais uma vez, significativa afirmação de soberania nacional nestas paragens islenhas». O mesmo jornal acentuava, a seguir, «que não pretendem estas ilhas açorianas ombrear com o Brasil, nem por sombras, nem em opulência de recepção nem na imensidade dos recursos». E acrescentava, avisadamente: «Podemos, porém, e devemos prestar entusiasmo, plena vibração, traduzindo vitalidade patriótica, para que resulte o melhor e mais expressivo possível o acolhimen-

«COMÉRCIO DE PORTIMÃO»

Entrou no 32.º ano de publicação este nosso prezado colega, que se publica na capital do Barlavento. Por tão auspiciosa data, apresentamos ao seu ilustre director e nosso prezado amigo sr. Pedro Octávio da C. Leal, cordiais cumprimentos de felicitações, extensivos a quantos trabalham naquele semanário, com votos de muitas prosperidades.

to a dar à vinda da eminente personalidade do Chefe da Nação.

Estas palavras denunciam, suficientemente, o espírito de vibrante e fervoroso patriotismo que anima os açorianos, nas vésperas da viagem presidencial ao arquipélago açórico.

E nós, que bem conhecemos os Açores e a idiosincrasia da gente açoriana, não duvidamos de que, em todas as ilhas açóricas, não só naquelas que o sr. General Craveiro Lopes honrará com a sua presença, mas também naquelas que lhe será impossível, por certo, percorrer, o primeiro magis-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

É DIFICULTADA a construção DE NOVAS VIVENDAS na Praia da Rocha?

Do nosso assinante em Portimão, sr. Manuel Ojeda Martín, importante e conciliado exportador de frutos secos, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. Director

Leitor assíduo do interessante «Noticias do Algarve» desde o início da sua publicação, foi com grande satisfação que li, no n.º 215, o artigo *Burocracia de Trávão*, em que se defendem os interesses da nossa linda Praia da Rocha, com referência às ruínas existentes há muitos anos no melhor local da referida Praia. Estou absolutamente de acordo com o referido no ofício assinado pelo sr. presidente da Câmara. Nunca as mãos lhe doam!

E, a propósito destas coisas que travam o progresso e o embe-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ÂNGELO PARODI e a instalação DA PRIMEIRA FABRICA DE ATUM EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NO já longínquo ano de 1879, há cerca de 80 anos e depois de curta permanência na vizinha localidade espanhola de Canelas, veio até nós, atraído pela já então grande fama das abundantes pescas das armações de atum da costa algarvia, o súbdito italiano sr. Angelo Parodi, fundador da firma do mesmo nome.

Oriundo de família modesta, cedo o seu espírito activo se manifestou, dirigindo-se à cidade de Génova, onde se dedicou a acti-

vidades comerciais, que soube orientar num constante progresso, alcançando invejável situação.

Diz-se que alguns dos seus clientes, capitães de vapores, que faziam escala pelos portos algarvios, onde vinham receber os nossos produtos, o informaram da riqueza das pescas de atum que naquele época faziam as armações da nossa costa e, entusiasmado e seguindo a natural inclinação do seu espírito empreendedor, o sr. Angelo Parodi, que já conhecia a indústria de conservas, por no seu país haver algumas fábricas da especialidade, veio até esta vila, onde fundou a actual firma Soc. Acc. Angelo Parodi fu Bmeo, cabendo-lhe assim a honra

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Apenas um exercício

Peguei desprevenidamente no jornal, que alguém deixara em cima da mesa. O coração deu-me um baque ao deparar com as letras enormes, na página frontal: «Duascentas cidades americanas arrasadas por bombas atómicas. Milhões de mortos». Sem pinta de sangue, senti-me a continuar a leitura. Afinal, tratava-se de um exercício. Exercício que, segundo o jornal, se destinava a dar um «choque nervoso» à população. Respirei aliviada. Meu Deus! Mas a eventualidade de tantas cidades arrasadas, de tantos mortos, já é horrível. A destruição, ainda que mais não seja senão no campo teórico, apavora-me. Pois não ouvem os homens responsáveis o clamor que de todos os corações se levanta? Quanto tempo ainda será preciso aguardar para oferecer ao dia de amanhã um sorriso confiado?

Para o exame, não

A Margarida tem agora exame de português no curso do Comércio. Anda preocupada e veio ter comigo para tirar dúvidas. Enquanto construiu laboriosamente uma redacção, passei uma vista de olhos pelo caderno de apontamentos de literatura. O mais tosco possível. De Camões, que escreveu Os Lusíadas, sonetos, redondilhas e canções, e que perdera a vista numa refrega em Ceuta. Eis a notícia telegráfica de Garrett: «Século XIX. Poeta, romancista, dramaturgo. Folhas caídas, Viagens na minha Terra, Frei Luís de Sousa». E assim por diante. Eis que deparo com a ficha de Cesário Verde: «Poeta. Século XIX».

— O' Margarida, este vai incompleto.
— Qual?
— Cesário Verde. Não conheces nada dele?
— Conheço uns versos que estão na selecta.

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

TRAINEIRAS PORTUGUESAS EM TÂNGER

Por A. DE MENDONÇA

O ALGARVE, apesar da sua riqueza territorial, procura também no mar alto o sustento da classe piscatória, que, sendo em grande número, põe, assim, em evidência a sua grande vontade na prosperidade de uma província que lhe serviu de berço.

Apesar de todas as diligências dos organismos que superintendem na pesca da sardinha ou do biqueirão, pouco a pouco esta variedade de peixes, que representa uma grande parte da economia da nossa província, tem ido afastando-se da nossa costa, procurando mais longe, fora das então rotas de pesca, o refúgio e a continuidade da espécie.

Mas, para que todas as nossas indústrias piscatórias não declinassem da sua vantajosa posição no mercado mundial, houve que ir buscar a sardinha e o biqueirão cada vez mais longe.

Agora, abundam estas espécies na zona da costa marroquina. Cada vez com mais frequência passam enormes cardumes, que as



Traineiras Portuguesas ancoradas em Tânger

nossas traineiras, das melhor equipadas da Europa, captam com grande maestria e habilidade nas suas redes.

Foi aproximadamente no ano de 1949 que os mestres de traineiras começaram a

FOI INAUGURADO EM FARO

O NOVO EDIFÍCIO DO COMANDO DISTRICTAL DA P. S. P.

Com a assistência do sr. dr. António Baptista Coelho, ilustre governador civil deste distrito, do sr. coronel Mário Cunha, comandante-geral da Polícia de Segurança Pública, comandantes districtais da P.S.P. de Lisboa, Porto, Setúbal e Beja, e autoridades civis e militares de todo o Algarve, inaugurou-se em Faro, no passado domingo, com a maior solenidade, o novo edifício do comando districtal da P.S.P., construído numa parte da velha Horta do Ferregial, em frente da Alameda.

A magnífica construção, onde ficaram condignamente instalados os serviços policiais de Faro, até então funcionando deficiente e precariamente num velho edifício sem quaisquer condições para tal

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

BRIGADA DO I.A.N.T.

Deslocar-se-á, nos dias 29, 30 e 31 do corrente, a esta vila uma brigada do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, a fim de visitar as fábricas de conservas e as restantes indústrias e comércio, para tirar micro-radiografias aos seus operários e empregados.

A mesma brigada desloca-se no dia 1 de Agosto a Vila Nova de Caxela, com idênticos fim.

ver o peixe fugir para a zona de Marrocos; alguns aventuravam-se, não sem arrostarem graves perigos, a apanhar os preciosos peixes; agora, todos têm demandado as costas do Magrebe, atravessando o perigoso estreito de Gibraltar, e tendo, muitas das vezes, através de grandes tempestades, de recorrer a portos seguros onde fujam das inclemências do tempo.

Só nos resta agradecer ao novo Governo marroquino a maneira amável que tem demonstrado para com as tripulações das nossas trai-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

De vez em quando...

EXEMPLOS

Só compro jornal ao domingo e dele o que leio com mais atenção são as notícias de letra miúda. Nelas se encerram os dramas mais pungentes, os de dor mais humana, aqueles que mais intimamente nos bolem.

As experiências nucleares, as revoltas, os desgastados entre as nações, tudo isso me deixa quase indiferente. A humanidade ameaça desagregar-se, ir até ao extermínio é isso, que são gravíssimos problemas, já quase que me não contende com os nervos.

Chama-se medo o fio que nos segura sobre as fauces do abismo.

Ora não sei se leram num dos últimos domingos: — a notícia vinha do Porto e dizia que em qualquer aldeia nossa uma galinha escolhera para seu ninho o recanto onde uma gata criava os seus meninos. E as duas se

entenderam e se entreajudaram nas tarefas da sublime missão de mãe.

Vinha a outra de fora, de França se a memória me é fiel, e contava que um cão cego pela

PELO Prof. TRINDADE E LIMA

idade, era guiado nos seus passos pelo desvelado auxílio de um gato que o ia encaminhando nas incertezas do seu andar.

Nesta fraternidade de sentimentos podia o homem tirar exemplos que teima em renegar.

Agora ainda, uma última notícia. Vem do norte do País. Um indivíduo conluou-se com um filho para exterminarem um burro que ao fim de uma laboriosa vida já não podia trabalhar. Pois a maneira mais ca-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

CASTRO MARIM

e a grandiosidade do seu passado

A propósito do artigo com este título, publicado no penúltimo número deste jornal, da autoria do nosso redactor sr. A. de Mendonça, escreve-nos o ilustre castromarinense e nosso prezado amigo sr. juiz-conselheiro dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, uma carta que, por constituir depoimento valioso e de inegável interesse para a propagação do triângulo turístico Vila Real-Monte Gordo

—Castro Marim, transcrevemos, seguidamente, nas suas passagens essenciais:

«Não quero, todavia, deixar de agradecer-lhe, como bom e dedicado filho de Castro Marim, a feliz ideia de ter escrito e publicado esse trabalho de investigação histórica, e faço-o por este meio, desde já, com a maior sinceridade.

O castelo de Castro Marim é um dos sete castelos que figuram no escudo da bandeira nacional, e é considerado monumento nacional, muito justamente, portanto. Contudo, tal facto muito me orgulha, visto ter contribuído para que assim suceda, por, como deputado da Nação, em 1926, ao Parlamento de então, ter apresentado uma proposta nesse sentido.

Muito há que escrever sobre a nobre vila de Castro Marim.

Toda a propagação que seja feita em seu favor, só beneficia a história do Algarve e de Portugal, e não prejudica Vila Real, vila das mais progressivas da nossa província e de grande beleza pomalinal, e a praia de Monte Gordo, que possui clima e condições inigualáveis de estância de banhos

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVA ARTÉRIA

Recomeçaram, no passado dia 15 do corrente, os trabalhos para prosseguimento da rua Jacinto José d'Andrade com a rua Oliveira Martins.

Depois de concluídos os arruamentos, esta artéria será a maior que a nossa vila possui, pois começará na rua Progresso e terminará na estrada da mata, próximo ao Farol.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

A TEMPORADA TEATRAL OU O TEATRO BRASILEIRO

REPRESENTARAM quatro peças. Tiveram quatro êxitos. E nem uma só noite o público os esqueceu.

Eram quatro peças diferentes. A primeira e a terceira, dois originais brasileiros: «Moral em Concor-

data» e «O Manequim». Ambos com um mérito que os portugueses parecem condenados a jamais terem: eram peças actuais. Em ambos os temas, os dramas da vida do brasileiro que vive hoje, estão teatra-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Depois de uma significativa despedida da parte de numerosas pessoas amigas, partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. Olivio de Jesus Correia, que exerceu as funções de chefe do posto da PIDE, nesta vila.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Augusto Valente Parreira, residente em Lisboa.

Esteve nesta vila, tendo já regressado a Lisboa, o nosso amigo sr. Francisco Salvador Salas.

Com curto espaço de tempo, esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. Eng.º João Leçoq Abecassis, residente em Lisboa.

Depois de uma prolongada viagem pelo estrangeiro, encontra-se em S. Marcos da Serra o sr. Mário Santinho Vargas.

Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. Aurélio de Brito Clemente.

Vindo de Lisboa, onde reside, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Alberto Oliva.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se a passar as férias nas terras de Monte-Real o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Vasco Nunes.

Vindo de Ervidel, onde reside, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. António Marques.

A passar as férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. José Carlos Ramirez, acompanhado de sua esposa e filhos.

Em gozo de férias, encontram-se nesta vila os estudantes da Faculdade de Letras srs. Eduardo Limon da Silva Cavaco e Manuel Brás Rodrigues Clemente.

A passar a época balnear encontra-se em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, residente em Lisboa.

Encontra-se nesta vila a passar as férias, a menina Maria José Aleixo, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. Francisco Medeiros Aleixo.

Casamento

No dia 15 do corrente, na igreja de N. S.ª da Conceição, em Faro, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Clarice Medeiros Salvador, filha da sr.ª D. Carolina Medeiros Salvador e do sr. Francisco Salvador, com o sr. João Marques Colaço, funcionário judicial em Cuba, filho da sr.ª D. Maria Amélia Conduto Colaço e do sr. Bento Domingues Colaço, já falecido.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Eliete Medeiros Salvador, sua irmã, e o sr. Damião Luiz Medeiros Bravo, e por parte do noivo, a sr.ª D. Ernestina Torres Teixeira Godinho Fernandes Vargas e seu esposo, sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas.

Depois da cerimónia, os noivos seguiram viagem para Cuba, onde fixaram residência.

Ao novo casal, o «Notícias do Algarve» deseja as maiores felicidades.

QUEM PERDEU

No posto da P. S. P. desta vila, encontra-se depositado um vigésimo da lotaria, o qual está premiado. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

xou? Qual é? — Ah, não sei. Mas não tem importância. Com certeza que não sai no exame.

Perdoa, Cesário. A Margarida ainda não procura um caminho nem se perdeu no caminho. Quer dizer: ainda não precisa dos poemas. Acredita. Um dia já não terá mais necessidade de fichas para exame, um dia assaltá-la-ão ao caminho quadrilhas de fantasmas, de medos, de dúvidas. Um dia procurará saber algo mais a respeito de si própria, a respeito dos outros, a respeito da vida. Então saberá o nome dos poetas. Saberá o teu nome. Apoiar-se-á ao teu braço, ao teu sorriso confiante e optimista. Dar-te-á o coração.

Uma prenda para os meus leitores

Só queria que vocês vissem. Encontrei-o no fundo da malhinha, misturado com apontamentos, com pedacinhos de gis de cor, botões, novelinhos esquecidos de retrós... Dobrado e amarrado de meter dó. Desdobréi-o sem o conhecer. E depois que o li, pensei: vou escrevê-lo no «Conta-Gotas», vou oferecê-lo aos meus leitores. Aqui está, o poema esquecido no fundo da malhinha. E' de Jacques Prévert e chama-se «Familiar». Escutem:

A mamã faz tricó o filho faz a guerra Ela, a mãe, acha isso natural. E o pai? que faz o pai? Faz negócios. A mulher faz tricó o filho faz a guerra ele, o pai, faz negócios e acha tudo isso natural. E o filho, o filho que pensará? Não pensa nada, absolutamente nada. A mamã faz tricó, o papá faz negócios

ele — faz a guerra. Quando a guerra acabar fará negócios com o pai. A guerra continua, a mãe continua o tricó o pai continua nos negócios o filho jaz morto, e esse não continua. O pai e a mãe vão ao cemitério Acham tudo natural o pai e a mãe A vida continua, a vida com o tricó, a guerra, os negócios, os negócios, a guerra, o tricó, a guerra, os negócios, os negócios. Maria Manuela Nunes

PROVINCIA

LUZ DE TAVIRA

Desporto e Recreio

Promovido pela Sociedade Recreativa Musical Luzense, realizou-se, no passado domingo, um grandioso torneio de tiro aos pombos, tendo ficado apurados para a poule final os srs. Luís Tomás Sousa Gago, Modesto da Costa e Filipe Viegas, que decidiram dividir os prémios entre si.

Também no mesmo dia, a dita Sociedade levou a efeito um animado baile para recreio e distracção dos seus associados.

Hoje, realiza-se um desafio de futebol entre as equipas de casados e solteiros, desta localidade.

Noticias pessoais

Acompanhado de sua familia, encontra-se nesta terra, a gozar férias, o nosso muito estimado e querido amigo sr. Rubem Teixeira Veludo, empregado comercial em Lisboa.

Com sua mulher e filhos, encontra-se em casa de seus sogros o nosso estimado amigo sr. José Virgílio Frangolho, 2.º sargento do exército.

Foi á capital, acompanhado de sua esposa, o nosso conterrâneo sr. Henrique Gago da Graça, abastado proprietário.

A passar as suas férias, encontra-se em casa de seus sogros, no Livramento, a sr.ª D. Teresa de Jesus Zacarias, professora oficial de ensino primário e esposa do nosso querido amigo sr. Otilio Fernandes Correia Dourade, chefe dos C. T. T., em Castro Marim.

Também se encontra em gozo de férias, acompanhado de sua familia, em casa de seus sogros, no Arroio, desta freguesia, o sr. Adelino Abrantes, adjunto do Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, nos Serviços de Inspecção do Trabalho, do Distrito da Guarda. — e.

ODELEITE

Cemitério

Certos que cumprimos um dever de consciência, temos por hábito acompanhar á última morada, sempre que disponíveis, todas as pessoas conhecidas e amigas, saltando-nos á vista, no cemitério local, coisas que, pelo hábito de as ver, quase nos passam despercebidas. O mesmo não se dá com os visitantes, como tivemos ocasião de ouvir pessoa de boa categoria social.

A maior parte das dedicatórias apresentam-se de tal maneira que chegam a formar cacofonias. Claro que não se deve atribuir a culpa a quem faz as grades, as

cruzes, as pedras, dada a sua rudimentar instrução, pois que, para evitar despesas aos interessados, escrevem também as formas que julgam usuais e adequadas.

Pequenas emendas remediariam e dariam um aspecto digno ao lugar, a nosso ver.

Ciclone...

Anunciado com quinze dias de antecedência pelos observatórios da fantasia popular, pôs em alvoroço os medrosos, os precavidos e os resolutos.

Tal fenómeno, devia produzir-se em 15 ou 16 do corrente, anunciado pela rádio e transmitido de Vila Real a Odeleite por via pessoal.

São 23,40 horas de 16 e a noite apresenta-se de uma amedida esplêndida. Mais 20 minutos e serão postos a circular os resultados, felizmente negativos.

Se o observatório da imbecilidade de soubesse, tais transmissores deviam ocupar o lugar de presidência como candidatos ao hospital de alienados.

Noticia pessoal

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se de visita a seus pais e sogros o nosso prezado amigo, conterrâneo e assinante sr. António Rosa Branco, 1.º cabo da G. N. R. — e.

TAVIRA

Será desta?

Deslocou-se a esta cidade, a convite da Câmara Municipal, o sr. eng.º Armínio Alberty, a fim de rectificar os nivelamentos para ligação a fazer entre as ruas Dr. Miguel Bombarda, dos Mouros e dos Machados, com destino á construção de um futuro bairro de casas económicas. Tavira, que luta com falta de casas para alugar, veria, enfim, realizados os seus desejos se, entretanto, os homens de boa vontade quisessem.

Parque Municipal

Desde o principio do mês que este agradável recinto, em boa hora criado para recreio público, no Verão, se encontra arrendado a uma entidade que explora espectáculos públicos, realizando ali, de imprevido, secção de cinema ao ar livre. As razões comerciais não nos interessam, pois quem semeia colhe. O que nos interessa é o bem geral do público e lamentamos que até hoje não haja um ou mais capitalistas locais que se abalancem á construção de uma esplanada para cinema, que é um negócio de largos frutos quando bem realizados por pessoas que percebam do «metier». E lembrarmos-nos nós que Olhão tem uma esplanada em condições, como a Inspeção exige; Faro, idem, e com «Cinemascopes» e, por último, Monte Gordo, que possui duas esplanadas, ambas com «Cinemascopes», a trabalhar com largos frutos, tanto para empresas como para o público. Sim, já que não se faz um novo cinema, pelo menos deem-nos uma esplanada em condições. . .

Música

As bandas de música do concelho de Sintra vão efectuar, aos domingos, por iniciativa da respectiva Câmara, concertos públicos em Colares, Praia das Maças, Queluz e Sintra. Uma iniciativa em tal ordem é sempre de louvar, pois no Verão sabe muito bem um concerto musical para o público passar umas horas agradáveis. Tavira, de velhas tradições musicais, teve sempre música e da boa, que realizava os seus concertos periodicamente ao domingo. Mercê de inexplicáveis razões, os mesmos se realizam em dias trocados, a que muita gente, por falta de hábito, nem sempre assiste, ou por desconhecimento ou por desinteresse, em virtude das alterações e, também, por motivo da Banda se encontrar um pouco desfalcada de elementos de valor. Ora, como a Câmara mantém a referida Banda com o seu valioso subsídio, seria interessante se remodelasse a mesma, com fins mais eficientes.

Movimento extraordinário

Nos últimos dias, a cidade tem mostrado grande movimento nas

Comentário Cinematográfico O DECEPCIONANTE George Stevens

Quem foi ver «Gigante», no intuito de assistir ao mito James Dean, creio que não foi iludido. O mito permanece. Isto significa, ao mesmo tempo, que James Dean não nos deu nada de novo. Mas, quem foi ver «Gigante» atraído pelo nome de George Stevens, o promotor realizador do poético «Shane», teve que fatalmente sofrer uma decepção. Na verdade, «Gigante», depois de despido de todo o verniz que o reveste, de todos os artificios técnicos nele empregados, de toda a sua pesada e grandiosa solenidade, resulta num filme vulgar, de grande construção «barroca», tão do agrado de Hollywood. Em «Gigante», George Stevens pretendeu abordar os problemas do gigantismo social e económico do Texas, assim como a questão do racismo. Mas ao abordar esses problemas, fá-lo de uma maneira tão superficial, tão pouco profunda, sem uma unidade coerente, que o filme decai numa obra falhada e cheia de pretensões. Pior ainda: Stevens ilude e mascara, com uma temática confusa, os problemas equacionados.

Assim, por exemplo, vemos o problema da grande propriedade (e também o do racismo) reduzido a várias gerações da familia Benedit. Assistimos, então, a intermináveis discussões entre o casal Benedit (Rock Hudson e Elisabeth Taylor), sobre o futuro dos filhos; discussões entre o pai e o filho, que quer ser médico e não lavrador, etc. etc. . .

Por outro lado, o problema do petróleo é por sua vez mascarado, com complexos de superioridade, de orgulho e de megalomania, da parte de Jett Rink (James Dean) — uma espécie de «rei do petróleo» — para com o seu antigo patrão Benedit. Mais discussões. E desta maneira, o filme se vai arrastando a um ritmo fantásticamente lento (e sabemos quanto isto é incómodo em cinema), durante cerca de duas horas e meia. «Gigante» pode, portanto, enfileirar-se na tradição de «E tudo o vento levou». Aliás, Edna Ferber, escritora cujo «best-seller» serviu de base a «Gigante», é sem dúvida, uma escritora de méritos literários suspeitos, o que é bastante sintomático, na maioria das

ruas em virtude dos exames nas escolas e, também, das inspecções dos mancebos para o serviço militar. Os mais variados meios de transporte têm servido para tal e só desejamos sejam felizes nas pretensões que desejam, pais, alunos e os mancebos inspecionados.

Tremor de Terra

Sentiu-se nesta cidade, no dia 15, pelas 10,30 horas, uma abalo de terra, que assustou muita gente em face das profecias vindas ultimamente a público.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTIA de Vila Real de Santo António

De 13 a 19 de Julho:

Table with columns for names and amounts. Includes TRaineiras (Conceicanita, Levante, Malaca, etc.) and CERCOS (Amazona, Alecrim, etc.). Total: 1.959.883\$00

Atum da Costa Algarvia

Table with columns for names and amounts. Includes 824 Atuns, 61 Atuarros, 16 Albacora. Total: 704.123\$30

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

De 13 a 19 de Julho:

Table with columns for ship names and destinations. Includes ZÉ MANEL, COVILHÃ e MIRA TERRA, ROLADSECK, etc.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 20 a 26 de Julho, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone 49.

A tiragem e a expansão de «Noticias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

adaptações literárias de Hollywood.

Resta de «Gigante» a sua solenidade pomposa, destinada a lançar areia nos olhos do espectador desprevenido, mas que não resiste á mais pequena reflexão.

George Stevens, ao deixar-se absorver pelo «gigantismo» económico dos estúdios da Califórnia, teria que descurar infalivelmente o valor dos problemas em questão. O que não é para admirar.

(Nota: Pelo facto de o filme ter sido galardoado com a «Fita Azul» da revista «Estúdio», não é razão para se crer que «Gigante» seja uma obra garantida. Nem tão pouco os prémios da Academia de Hollywood constituem uma garantia).

David Lopes

Clínica de Santo António (CASA DE SAÚDE E REPOUSO) sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre Rua Guilherme Gomes Fernandes VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOVOS ASSINANTES E' com todo o prazer que registamos nas nossas colunas os nomes dos nossos prezados assinantes que nos enviaram as direcções de novos assinantes. Manuel Martins Relego; pelo sr. Manuel Ojeda Martins; sr. Anibal de Sousa Glória e sr. João Simões Quintas; pelo sr. 2.º Tenente Manuel F. dos Santos Domingues; sr. Manuel Domingues Junior e sr. Manuel Esperança; pelo sr. Leonildo Augusto Toledo; sr. António Alves Viegas; pelo sr. José Teresa Roberto sr.ª João Correia Laurinda e José Matias.

VAI CASAR UMA SUA AMIGA? NÃO SABE O QUE LHE OFERECER? VISITE A MERCEARIA NOVA DE JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO onde encontrará os mais bonitos brindes em VIDROS E LOUÇAS das melhores qualidades, não pagando luxo. Rua Barão Rio Zézere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Simple ou... com água Peça em toda a parte... AGUARDENTE VELHA KOPKE 1638 Prefira a melhor... Prefira Kopke

ÂNGELO PARODI

e a instalação da primeira fábrica de atum em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de ser o introdutor da indústria de conservas de atum no nosso País.

Permaneceu aqui algum tempo, dedicando-se à sua nova actividade, num edificio próximo do actual; e, quando retirou para o seu país, para aqui vieram alguns dos seus filhos continuar a obra de seu pai, que foi chefe exemplar de uma numerosa família, sabendo educar os filhos dentro dos melhores princípios morais e cristãos, impondo-se a si próprios, com recitidão, não isenta de modestia e bondade, respeitando o seu semelhante.

De estatura mediana, que não revelava a sua capacidade empreendedora, este senhor, a quem a nossa terra ficou devendo a instalação da sua principal indústria, veio a falecer em Génova, de idade já bastante avançada.

Há já alguns anos e como reconhecimento, a nossa Câmara rendeu a este verdadeiro benemérito o justo preito de dar o seu nome a uma das nossas ruas, precisamente aquela onde se encontram as actuais instalações da firma por ele fundada.

Dos seus filhos, aquele que com mais frequência permaneceu nesta vila, foi o sr. Luigi Parodi, um digno sucessor de seu pai.

Desenvolveu a indústria, promovendo a instalação de novas dependências e, pelo seu fino trato e, sobretudo, pelo carinho que sempre manifestou pelos operários da sua fábrica, soube cultivar muitas simpatias, de que ainda devem lembrar-se muitos dos nossos conterrâneos, naturalmente, os mais velhos.

Falecido também há já alguns anos, o sr. Luigi Parodi deixou entre nós um rasto de viva saudades, porque soube praticar o bem de uma forma modesta, sem alardes, com a colaboração preciosa de uma senhora que, além de ser uma esposa amantíssima, foi uma mãe carinhosa não só para os seus muitos filhos, como para os dos seus operários, que a idolatravam.

De D. Maria Conte Parodi, muitas velhinhas operárias desta vila ainda conservam uma grata recordação.

Através dos tempos e seguindo sempre os princípios dos seus antecedentes, num espírito de constante renovação e actividade, com instalações fabris em vários países, encontra-se hoje esta firma sob a orientação dos 3 filhos mais velhos do sr. Luigi Parodi, permanecendo na direcção da firma desta vila o Ex.º sr. com. Mário Parodi.

Muito conhecido entre nós, pois aqui vem desde muito novo, e dominando perfeitamente a nossa lingua como um natural, aquele senhor continua o exemplo dos seus antepassados, não só sob o aspecto comercial como sob o sentimental.

Uma verdadeira alma de eleição, um coração aberto a todos os necessitados; para o nosso hospital contribuiu com uma importante verba, que serviu para a instalação do Posto de Socorros que tem o nome de seu saudoso pai, sr. Luigi Parodi.

A nossa igreja e, enfim, quase todas as instituições

benemerentes da nossa vila, daquele senhor têm recebido apreciáveis contribuições monetárias, não contando com os auxilios de toda a natureza, que constantemente dispensa aos seus operários.

Para finalizar esta breve invocação da Ex.ª família Parodi—Italianos de nascimento, Portugueses de coracão—, que bem merecem o nosso reconhecimento e por isso os podemos considerar como autênticas «Figuras da Nossa Terra»— família que em si reuniu figuras simpáticas, de tão grata recordação, desde o avô-fundador, o filho, gentil, fidalgo, esmoler, a esposa, sempre pronta a acudir aos necessitados, modesta e carinhosa, até ao neto, continuador de tão grandiosa obra, da qual vivem algumas centenas de operários, nós queremos, embora contra a sua habitual modestia, em nome daquele operariado e em celebração do seu aniversário natalício, que ocorre no próximo dia 24 do corrente mês, prestar a nossa homenagem ao Ex.º Sr. Com. Mário Parodi, augurando-lhe vida longa e repleta de felicidades.

J. S.

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.



DESPORTO

O LUSITANO

vítima do desinteresse da A. F. de Faro

O futebol nacional carece de orgânica que se ajuste às suas necessidades, que o liberte da grave crise que atravessa e lhe permita aproveitar todas as possibilidades de progresso, para poder ombrear com os demais.

O actual estado de coisas, está longe de atender os seus interesses e a ninguém agrada a forma como os seus problemas são resolvidos, pois não só o impede de progredir, como origina perigoso definhamento.

Entre as várias anomalias que actualmente se registam, uma há que urge remediar, pela perniciosa influência que produz nas suas actividades.

Ela é, como todos sabemos, a regulamentação das provas oficiais, que, lamentavelmente, ainda não beneficiou das medidas necessárias para atingir o plano indispensável à sua boa marcha.

A disposição a que obdecem os nossos campeonatos, não serve a ninguém e está na base de quase todos os problemas em que o nosso futebol se debate.

Os clubes arrastam-se pensamente por provas falhas de interesse, quase sem uma finalidade, principalmente nas divisões secundárias, onde se submetem, após uma temporada de sacrifícios, à lotaria que premiará 1 ou às vezes 2 dentre tantos concorrentes.

Na louvável intenção de contribuir para uma pronta normalização dos acontecimentos, muita gente ligada ao futebol, tem apresentado ideias, todas dignas de atenção e, ultimamente, foram apresentados projectos numa reunião da Federação, a qual nada resolveu, adiando para muito tarde tal discussão.

Não é nosso propósito aumentar o número de ideias já apresentadas, embora tenhamos também a nossa, a qual não achamos de interesse público, nem nos encontramos com bagagem suficiente para expô-la e discuti-la, num meio onde se debatem os catedráticos do desporto, com tudo e mais alguma coisa ao seu alcance.

Porém, o que nos forçou a escrever estas linhas, foi o interesse que nos despertou a leitura de alguns pormenores da citada reunião, quando se discutia um dos projectos para a 2.ª Divisão.

E' que ficámos surpreendidos ao tomar conhecimento do partido tomado pela A. F. Faro na discussão daquele projecto, apresentado pela sua congénere de Leiria, que muito beneficiaria o Lusitano local.

Não era isso para menos. Sem qualquer razão plausível, a citada Associação não teve relutância em prejudicar um seu filiado, ou, talvez, todos os seus filiados.

O projecto a que nos referimos, de 3 zonas de 12 ou 14 clubes, não sendo, quanto a nós, o que melhor serve, merece desde logo a nosso simpatia, porque envolve um maior

número de concorrentes e visa à maior expansão do jogo.

A A. F. Faro, sem ter apresentado qualquer projecto a discussão, limitou-se a discordar daquele, ajudando a matar as aspirações do Lusitano.

Ignoramos quais os seus desígnios, pois à primeira vista, não vemos onde ficariam prejudicados os clubes algarvios com o projecto de 5 zonas.

Antes, pensamos que todos seriam beneficiados, pois no Algarve ficariam 4 concorrentes na 2.ª Divisão, com o consequente aumento de interesse, dada a rivalidade que sempre tem existido entre os nossos clubes e com a diminuição das despesas de deslocação.

Para que o benefício fosse maior, bastava que fosse elaborado um justo escalonamento de valores, com vista a evitar desproporção de distâncias.

A discussão de tal escalonamento era, quanto a nós, o único papel da A. F. Faro, neste projecto, salvo se puder apresentar outro que venha a merecer mais interesse.

Não sucedendo assim, temos que lamentar intervenção tão infeliz, com total esquecimento de um filiado que deveria merecer muito mais atenção que aquela que lhe é dispensada.

Os pergaminhos do Lusitano, a sua larga contribuição, através de muitos anos de existência, para o futebol nacional, ainda hoje revelada por numerosos praticantes de nomeada a prestarem serviços noutros clubes, tornam-no credor da maior simpatia de todos e muito mais ainda da Associação que, por seus méritos, já contou com 2 representantes na 1.ª Divisão Nacional.

Torneio Popular DE FUTEBOL

Hoje, no Campo «Francisco Gomes Socorro», disputar-se-á a última jornada do «Torneio Popular de Futebol», que emprenderá os seguintes encontros: às 16 horas Hortalense-Guadiana e às 18 horas Beira-Mar-Celeiro, sendo este último de grande interesse, pois que decidirá o campeão do mesmo Torneio.

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

A TEMPORADA TEATRAL OU O TEATRO BRASILEIRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

lizados. Em ambas o conflito é um conflito de classes sociais: o das classes dominantes, plutocráticas, e o das classes inferiores, habitantes de cortiço ou empregados de comércio. O conflito, sendo assim com problemas de hoje, desenvolve-se com cenas e quadros da vida de hoje: um acto de «Moral em Concordata» decorre inteiro com as personagens a escutar o relato de um desafio de futebol e, numa e noutra peça, as figuras, com seus bens e seus males, são as que existem na realidade.

De ambas as peças se pode dizer o que se entenda a partir dos mais diferentes pontos de vista estéticos. O certo é que sem relação com o actual e o real, o teatro não existe. As duas peças brasileiras apresentavam essa relação, embora se lhe possa, e até porventura deva, preferir outras formas dessa relação. O que se não pode pretender é que haja teatro com imitações de temas exóticos (os franceses, por exemplo) ou com refúgios em alegorias poéticas, cuja ausência de significado já não ilude ninguém.

O teatro português está multiformemente condicionado, mas todo o condicionamento converge na dificuldade de se representarem peças com temas actuais, com projecção na realidade. Não acreditamos que os nossos dramaturgos, efectivos ou virtuais, sejam desprovidos de capacidade para imaginar e escrever peças com um mínimo de teatro, com um mínimo de actualidade. O que acontece é a extensão a todo o espectáculo do que, por cautela diplomática, se limitou ao corte de algumas cenas nas duas peças brasileiras. Com efeito, teve a empresa de alterar, entre outras coisas, as duas cenas finais de «Moral em Concordata» e de «O Manequim». A alteração da primeira transformava todo o sentido social da peça; a alteração da segunda, transformava todo o seu sentido dramático.

Entre as duas peças brasileiras, foram apresentadas duas peças estrangeiras: «A Rosa Tatuada» e «O Canto da Cotovia». Embora a última possua um muito discutível valor teatral (é de uma estrutura que a todo o momento sugere espectáculos de cinema ou audições radiofónicas), não se pode todavia negar que, com a de Tennessee Williams, ambas são peças representativas do mais significativo teatro contemporâneo.

Também este teatro está muito condicionado entre nós. As duas temporadas do Teatro d'Arte de Lisboa ainda ofereceram um início de esperança. O público de Lisboa pôde ver sucessivamente, sem concessões nem intervalos oficiais e comerciais, Greene, Garcia Lorca, Tchekov, Kesselring e Priestley. Parecia ser um início e já se esperava que, depois das inevitáveis hesitações e deficiências de todos os começos, a iniciativa se fortalecesse e venesse. O público ainda estranhava, mas já se tinha a convicção de que ia haver enfim uma atmosfera saudável de teatro. Para mais, atrás do Teatro d'Arte, as outras empresas procuravam igualar-se (foi isso que levou a representação de

«O Canto da Cotovia»). Logo, porém, o momento que se desenhava foi sustido para fazer regressar o teatro a isto a que este ano temos assistido e de que é melhor não falarmos.

Falemos pois, do Brasil. Uma e outra peça foram apresentadas com um feliz sentido espectacular, que se deve aos encenadores italianos que erguem as peças do Teatro Popular de Arte do Brasil (em Portugal, é proibido às empresas contratarem encenadores estrangeiros!). Já em «O Manequim», pudéramos ter uma sensação de grande espectáculo, luxuoso e sugestivo, dada com uma leveza fácil e agradável (um espectáculo do mesmo género, com «passagens de modelos», «A Taça de Ouro», foi apresentada em Lisboa há alguns anos, mas tudo nele era grave, pesado e cansativo). Este saber de encenação, este estilo de teatro, surgiu como o grande valor da companhia brasileira, no espectáculo de «O Canto da Cotovia», e mais se acentua ele no cotejo com a representação da mesma peça realizada há um ano em Lisboa.

Foi assim que os comediantes brasileiros actuaram em Lisboa, representaram quatro peças e tiveram quatro êxitos. A' frente deles, Maria Della Costa, é apresentada como uma vedeta, sem dúvida, mas procede dentro de uma obediência ao teatro, e a quem o representa que é o encenador, como não vemos proceder, nos teatros portugueses, os últimos figurantes. Os papéis que desempenhou foram, todos eles, correctamente desempenhados e, por vezes, com um brilho que a sua juventude e beleza ampliaram. Quando vemos as nossas actrizes escutarem os seus directores para se orgulharem de fazer o que entendem e assim perturbarem e desvirtuarem as peças, deu-nos prazer aplaudir os desempenhos de Maria Della Costa, que fez sempre viver a personagem e a peça que representava, sem os virtuosismos inadequados e estultos a que nos habituámos. Entre os actores que tinha a seu lado, devemos registar os nomes de Jardel Filho e, sobretudo, o de Edmundo Lopes, o actor mais profundo da companhia, que nos ofereceu um admirável desempenho em «O Manequim».

Esta temporada veio-nos assim mostrar o que ainda nos não tinha sido mostrado: que existe um teatro brasileiro. Um teatro que foi feito, que foi criado pelos encenadores que estão à frente deste L. P. A. bem como de uma ou outra companhia que fazemos votos por ver também em Lisboa, como a do Teatro Brasileiro de Comédia. Encenadores de vária origem, Ziebinsky, Adolfo Coeli, Gianio Rato, Bollini, a eles deve o teatro brasileiro aquilo que é. Todos eles europeus, de passagem para qualquer parte, estiveram, durante a guerra, em Lisboa e aqui pretenderam ficar. Ninguém os quis, ninguém os aceitou, ninguém os recebeu. Recebeu-os o Brasil, e hoje tem um teatro brasileiro.

Ernesto Palma

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

SALVE QUEIMAX
CONTRA QUEIMADURAS DO SOL

Não deseja os seus filhos com vermelhões nem queimaduras do Sol? Friccione-os, levemente, com **QUEIMAX**, produto indispensável a todos os Banhistas.

À venda nas Farmácias e Drogarias

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

neiras, que lá se vão refugiando das tempestades ou meter viveres.

Se alguns contratempos têm havido, somente são devidos a descuido de alguns mestres ou à desobediência de alguns marítimos. Cabe aos proprietários dos referidos barcos elucidarem, convenientemente, os mestres, para que tais aborrecimentos não surjam nunca mais.

Constou-nos, há pouco, que algumas firmas italianas tinham feito contratos com o Governo marroquino para a instalação de várias fábricas de conservas nesses territórios. Materializando os boatos que deram origem a estas notícias, o citado Governo declarou ir comprar algumas canhoneiras, para fiscalização das suas águas territoriais.

Estamos certos que, com a boa diplomacia do nosso Governo, tudo se resolverá, continuando as traineiras portuguesas, mesmo sob qualquer taxa, a prosseguir na sua faina, que representa a riqueza de uma província e uma base forte na economia da Nação.

A. de Mendonça

Assine, o «Noticias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da imprensa Algarvia.

Visado pela Comissão de Censura

O CHEFE DO ESTADO vai visitar os Açores

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

trado da Nação será acolhido com o mesmo fervor e a mesma vibração patrióticos com que foi acolhido o saudoso Marechal Carmona, por ocasião da sua memorável viagem às ilhas a que um ilustre escritor português chamou das Três Formosuras.

Primam os Açores, no carinho e no intenso calor humano que põem no acolhimento que prestam aqueles que estimam e admiram. Certo, o açoriano não é propício às grandes exteriorizações e, por isso, o açoriano tem sido, algumas vezes, acimado de frio e reservado. A frieza e a reserva açorianas são, porém, o produto natural do ambiente açoriano: pequenas áreas territoriais perpétuamente cercadas pelo oceano deram origem a uma espécie de atavismo, de desconfiança e também de melancolia. Naturalmente, pois, o açoriano não se abre nem expande com o primeiro estranho, português ou não, que lhe apareça. Quando, porém, adquire a certeza de que esse estranho lhe merece confiança, é digno da sua consideração, o açoriano não é excedido por quem quer que seja no modo de receber os de fora das suas ilhas. Assim aconteceu conosco, velho enamorado do arquipélago açoriano, desde que começámos a provar o nosso interesse desinteressado, passe a expressão, pelos Açores. Ali temos, hoje — e de há muito —, alguns dos nossos melhores amigos e ali nos cumulam sempre de manifestações de apreço. Isto define bem o carácter dos açorianos, a quem ninguém excede em reconhecimento e simpatia para com aqueles que lhes merecem.

A viagem do sr. General Craveiro Lopes aos Açores está na sequência das que o Chefe do Estado fez, nos anos anteriores, a Portugal ultramarino. Depois de haver visitado, oficialmente, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde, o Presidente da República não quer deixar de visitar, oficialmente, os Açores, pois a Madeira foi, também, objecto da sua visita oficial. Assim se completará, pois, o ciclo das viagens extra-continentalis do sr. General Craveiro Lopes, que, como primeiro magistrado da Nação, terá ficado a conhecer, directamente, de visu e de auditu, todo o Portugal africano e todo o Portugal insular, o que não acontecera ainda a qualquer dos seus antecessores, no regime monárquico ou no regime republicano.

A viagem do Presidente Carmona assinalou-se, como se sabe, por um entusiasmo dos açorianos que só se havia manifestado, antes, por ocasião da visita de el-rei D. Carlos e da rainha D. Amélia, que deixou perduráveis, indeleveis recordações no arquipélago adjacente. A frase do Presidente Carmona («Aqui é Portugal») é recordada por todos os açorianos com verdadeira emoção, pois, embora todos saibamos que os Açores são e sempre foram terra portuguesa, o dito pre-

sidencial exprimia um particular carinho pelas ilhas e pelos ilhéus, que não ocultavam o seu patriotismo veemente ao serem visitados pelo saudoso Chefe do Estado.

O sr. General Craveiro Lopes vai encontrar, assim, nos Açores, um povo laborioso e honesto, medularmente, exemplarmente português, que vai, por certo, prodigalizar-lhe um acolhimento à altura das suas tradições de hospitalidade e de portuguesismo. Como acentuava o jornal açoriano a que, atrás, nos referimos, a recepção ao Presidente da República Portuguesa no arquipélago açórico não poderá comparar-se, em espanto e grandiosidade, com aquele que todo o Brasil recentemente percorrido lhe dispensou. Mas poderá o sr. General Craveiro Lopes ter a certeza, porque bem conhecemos os Açores e os açorianos, de que não será recebido ali com menos ternura do que aquela com que foi recebido no Brasil. Os Açores e os açorianos saberão cumprir, nma vez mais, o seu dever para com o Chefe do Estado que vai honrá-los com a sua visita oficial e levar-lhes o abraço fraternal de Portugal continental.

A. de Freitas

FOI INAUGURADO EM FARO

o edifício do comando distrital da P.S.P.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

fim, deve-se à acção dinâmica e empreendedora do ilustre comandante distrital da P.S.P., sr. capitão Carlos Marques Loureiro, que, nos discursos proferidos pelos srs. dr. Baptista Coelho e coronel Mário Cunha, durante a cerimónia inaugural, teve ensejo de ouvir as mais encomiásticas referências à sua notável, empreendedora e prestigiosa actuação.

O excelente imóvel, de imponentes linhas arquitectónicas, fica a ser a melhor instalação policial do País, e é, incontestavelmente, mais um importante elemento de valorização urbanística da capital do Algarve, que se vê, dia a dia, enriquecida com novos e valiosos edifícios de grande beleza arquitectónica.

O acto inaugural, que teve, também, a presença graciosa de gentis senhoras e muito povo, foi abrilhantado pela Banda da Polícia de Lisboa, magnífico agrupamento sob a regência do sr. capitão Almeida Fernandes.

O «Noticias do Algarve» associa-se gostosamente às homenagens que, a propósito desta inauguração, foram prestadas, muito justamente, ao sr. capitão Marques Loureiro, e felicita-o pelo completo êxito do seu esforço empreendimento.



CRONICAS

IRREQUIETAS

XI

Artigo de Fundo

A anunciada vaga de calor num dia da transacta semana, na mente de muitas pessoas tomou aspectos tenebrosos; algumas chegaram a dizer que eram prenúncios de que o mundo acabava dentro de dias.

No entanto, entre todas as sugestões e hipóteses, uma houve que ao dramático da personagem se uniu o cómico da linguagem e algo de excêntrico, que merece contar:

Eram horas de almoço no célebre dia da mencionada catástrofe. O calor, na sua máxima força, mais parecia querer concretizar os dizeres do povo.

Entre dois goles de água fresca, saboreados com prazer, ouço bater à porta.

Não abri. Num ápice, aparece-me na frente a lavadeira, cabelos em desalinho, olhos esbugalhados, o suor a escorrer-lhe pelo rosto branco, qual sorvete de chantilly!

Tento inquirir o que se passa, e, como todos nós, com um pouquinho de ciência médica, receito neste caso um pouco de água.

A mulher sorve assustadamente o líquido do copo, limpo com um célebre detergente; e, já mais recomposta, esboça um sorriso.

Aos seus lábios tentam aparecer as primeiras palavras. Balbucia e eis que conta o motivo da sua agonia.

Fora, momentos antes, a casa de uma freguesa, e a senhora lhe transmitira a triste notícia:

A água da Praia da Rocha congelara, e a sorte fora não estar ninguém a tomar banho.

A ignorância por um lado e a credulidade por outro, fizeram a pobre lavadeira apanhar um grande susto, que só desapareceu depois da minha explicação, que sem dados técnicos, mas com exemplos, convenci a mulher, que por mais calor que fizesse, jamais a água poderia congelar.

No entanto, na sua ignorância, retorquia-me que as pessoas mais quantes monetariamente congelam o dinheiro e não há meio de o deixarem escorrer pela área de Monte Gordo, construindo Hotéis e Pensões, pelo que não se admirava que o calor fizesse congelar a água, quando era capaz de congelar a moeda.

E foi preciso quase meia tarde para fazer compreender à pobre lavadeira, mulher do campo, para quem as palavras têm um só sentido, que a congelação de escudos não era mais que uma retenção, uma modificação do seu estado de movimento, para repousar num equilíbrio estável no cofre, o que torna instável a economia nacional, e que nada tinha a ver com a congelação — estado de temperatura.

O Sindicato dos Sorveteiros pensa enviar um voto de louvor, a quem de direito, pela obtenção de mais uma semana como transacta, em que o gelo foi vendido à base de 2550 o mola abaixo.

Dão-se explicações gratuitas de francês e marroquino a certos meninos, necessitados de uma aprendizagem rápida e eficiente, com palavrinhos afectivos, para

uso e consumo nas esplanadas junto ao Guadiana, onde, com frequência, desaguam aqueles brotinhos, para os quais os brutinhos portugueses só podem olhar.

Ditos & Mexericos

Será que a princesa da rua da... já encontrou o príncipe?...

Quem será a pomba, que o pombomôr cá do sítio anda arrastando a asa, querendo aninhar para os lados do nascente?

Antigamente, as tampinhas de cerveja tinham uma utilidade para os estudantes: a de servirem de godés. Agora, a sua utilidade generalizou-se e não há miúdo na Rua Teófilo Braga que não tente as suas possibilidades futebolísticas com a célebre tampinha de cerveja.

Pena é que, devido aos aumentos dos jardins da nossa terra e à necessidade de os tornar verdadejantes, as mangueiras de rega não possam fazer, ao menos, uma visita semanal à Rua Teófilo Braga...

Há termos que, apesar de não os compreendermos, nos deixam a matutar.

Gostaríamos de saber o que é isso de um aléu (caluina), que levantaram àquela cara engraçada que passa sempre a sorrir.

Será mais fácil a aprendizagem nocturna, nas ruas à beira-rio?

A mais engraçada sobre a orquestra do Casino foi quando nos disseram que vinha — o das sopas... Brandão.

Consta que um certo menino da nossa terra foi mandado apanhar cavacos, e agora anda a gritar por socorro. Valha-lhe a N. S.ª de Fátima...

Os 2 Repórteres e um Fotógrafo

EXCURSÃO DO PESSOAL GRÁFICO DO

DIÁRIO DO ALENTEJO

No passado dia 14 do corrente, em autocarro, esteve de visita a esta vila e Praia de Monte Gordo, o pessoal das oficinas gráficas daquele jornal alentejano.

POSTO RÁDIO-COSTEIRO

No passado dia 16 do corrente, iniciaram-se os trabalhos para a construção de um novo Posto Rádio-Costeiro, que será instalado na Delegação do Grémio dos Armadores de Pesca de Sardinha, nesta vila.

O novo aparelho, que terá a potência de 45 wats, trará inúmeros benefícios para a nossa zona de pesca e, bem assim, para levantar, muitas vezes, o moral ao pessoal marítimo que se encontra, por vezes, durante várias noites, no mar alto, na sua rude mas honrosa faina.

De vez em Quando...

EXEMPLOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

rinhosa e segura que encontramos para o aliviar da sua inabilidade foi à foçada e à navalhada. Como o pobre animal temmasse em viver, lançaram-no a um poço, cobriram-no de lenha que regaram com petróleo e lançaram-lhe fogo.

Quem conhece a vida do campo sabe que o burro é o mais útil, humilde, ta dizer indispensável servidor do homem. Está sempre pronto e à mão para todos os serviços.

Pois recompensam-no assim. Até nos devemos envergonhar de ser homens e estamos impossibilitados de proclamarmos a nossa superioridade.

Enquanto modestos animais se ajudam proclamando com o seu exemplo que o amor entre eles é uma palavra com sentido, forma, consistência e conteúdo, o homem, que blasona de rei da criação, é mau, estúpido, vazio de sentimentos nobres.

Eu sempre tenho dito que ele de realza só a tem na incomensurabilidade do seu orgulho.

Atentemos nestes contrastes nós os que temos responsabilidades de educação e somos todos, todos sem excepção, e humanizemo-nos, façamos da nossa vida uma fonte perene de bondade que se estenda a tudo o que Deus põe sobre a Terra e só assim seremos homens.

Sem coração para amar, sem alma para sentir, continuaremos no mundo como condenados, cumprindo pena de maldição sem que o refrigério do perdão nos possa servir de bálsamo. Atentemos todos nisto...

Trindade e Lima

CASTRO MARIM e a grandiosidade do seu passado

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de mar e de repouso, antes essa propaganda convem que eglobe todas estas três localidades, que o turista deve visitar simultaneamente, por estarem a distâncias curtas e na região fronteiriça, no término do Guadiana, e se completarem na vida do tempo.

A propósito, informo-o de que em Agosto ou Setembro, próximos, quando for passar a Monte Gordo as férias, como costume, apertarei o projecto dos estatutos do «Grupo dos Amigos da Praia de Monte Gordo», que, como noticiou o ano passado, no seu jornal, foi resolvido fundar quando do almoço de confraternização, que teve lugar no Casino, «dos assíduos frequentadores da Praia e que, nela, arranjam namoro de que resultou casamento...», esperando que esse projecto seja por todos aprovado, para, depois, ser submetido à sanção da entidade oficial competente, e, então, o Grupo começar a funcionar.

Bem precisa a desprezadíssima praia de Monte Gordo da acção construtiva dos seus amigos, farta, como está, de «papagueamentos» inúteis e improdutivos, e de artigos bem intencionados da imprensa regional, que, só por si, não resolvem e, não obstante a fartura das boas intenções, nunca passaram de angustiados brados num imenso deserto de incompreensão e desleixo, com muita casmurrice à

mistura. Alegria-nos, pois, saber que a ideia da fundação do Grupo dos Amigos de Monte Gordo não emigrou com as andorinhas, à chegada do Inverno. E, escusado seria dizê-lo, é com o maior prazer que o nosso modesto semanário põe os seus préstimos ao serviço das generosas intenções dos Amigos da nossa Praia.

É DIFICULTADA a construção de novas vivendas na Praia da Rocha?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

zamento da Praia da Rocha, venho pedir-lhe me conceda um cantinho do seu jornal, incansável defensor dos interesses do Algarve, para abordar um assunto relativo ao projecto de construção de duas casas geminadas, a edificar num terreno que há anos comprei na referida Praia da Rocha, onde já construí o Chalet Gertrudes e uma modesta vivenda, debaixo da varanda do referido chalet. Para construir na restante parcela de terreno, encomendei a um arquitecto de Lisboa um projecto para duas casas geminadas, tendo entregue a respectiva planta na Repartição de Engenharia da Câmara Municipal de Portimão — que aprovou a sua construção. Isto passou-se há já alguns anos.

Todavia, e a despeito de todas as tentativas que tenho feito nesse sentido, ainda não conseguí que a Câmara me passasse a licença indispensável para a construção. Sob vários pretextos, a licença tem-me sido recusada e o meu requerimento continua a dormir o sono dos justos na Repartição de Engenharia do Município de Portimão.

Ora, quando tanto se fala da falta de casas e de alojamento nas zonas de turismo (e não será a Praia da Rocha a principal do Algarve?) não se compreende muito bem que se dificulte a edificação de novas vivendas, «travando-se» o natural desenvolvimento de praias como a da Rocha.

Há, air da, outro assunto que eu gostaria de tratar: o da escritura respeitante a um terreno dum rua que foi eliminada, junto ao referido Chalet Gertrudes que vai sendo a escritura... adiada de ano para ano, sem que o assunto se arrume.

Muito grato pela publicação desta carta, creia-me

De V., etc.

a) Manuel Ojeda Martín

MONTE GORDO

Cada vez mais a Praia de Monte Gordo vê chegar, com afluência, turistas de toda a parte do País.

Visite Monte Gordo, frequente o Casino Oceano, de linhas modernas, com limpas e arejadas salas, disfrutando, da sua ampla esplanada, um panorama marítimo encantador.

O Casino possui este ano um admirável serviço de Bar e Restaurante, onde são fornecidos almoços e jantares, sob a direcção de um competentíssimo cozinheiro.

De noite, dance na sua magnífica sala de baile, ao som do famoso Conjunto JORGE BRANDÃO, de que fazem parte o conhecido trompetista Fernando de Albuquerque e o dinâmico vocalista JIMY. Este Conjunto tem actuado durante todo o ano aos microfones da Emissora Nacional.

Dê um passeio pela sua verdejante mata, e pratique ténis nos seus dois magníficos courts.